

PROTESTO CONTRA O DESGOVERNO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 12.07.1983

As recentes greves que paralisaram os petroleiros de boa parte do país e os metalúrgicos do ABC tiveram vida curta. A repressão e a falta de objetivos claros ajudaram a terminá-las. Mas cumpriram o seu papel de traduzir a indignação dos trabalhadores contra a política econômica do Governo e do Fundo Monetário Internacional: contra o expurgo do INPC, que atinge diretamente seus salários, e contra a política recessiva que só aumenta o desemprego.

Na verdade essa indignação não é só dos trabalhadores é de toda a sociedade. Todos sabem, inclusive os trabalhadores, que essas greves não resolveram o problema do país. Mas, conforme ficou evidenciado pela pesquisa publicada pela Folha de S.Paulo no último domingo, a maioria da população vê favoravelmente o movimento grevista. Ora, isto só pode ser explicado na medida em que grande parte da população quer também protestar.

Na verdade, o que o governo está fazendo em matérias de política econômica é simplesmente obedecer às instruções do FMI. O relatório secreto do Fundo sobre as negociações com o Brasil publicado na imprensa na última semana deixa claro este fato. O objetivo fundamental do FMI não é apenas o de alcançar um saldo na balança comercial, como seria razoável, mas reduzir o déficit público e controlar a inflação a todo custo. O superávit comercial já está sendo conseguido, às custas de brutal recessão que atinge o país e reduz as importações brasileiras. O déficit público, entretanto, não diminui como o previsto e a inflação cresce dia a dia devido às medidas de “inflação corretiva” propostas pelo próprio Fundo.

De acordo com a ortodoxia econômica, é o déficit público que causa a inflação e o desequilíbrio na balança comercial. Inflação e déficit comercial deveriam, portanto, ser concomitantes. No Brasil, entretanto, as duas variáveis apresentam direções opostas.

Enquanto o saldo comercial alcançou em junho o recorde de 834 milhões de dólares, a inflação também atingiu nesse mesmo mês o recorde de todos os tempos: 12,3%.

Esta contradição, entretanto, não é suficiente para levar o Fundo a mudar suas idéias. Nem da coragem às autoridades brasileiras para adotar uma posição mais firme perante nossos credores, que o Fundo representa.

Os trabalhadores, entretanto, assaltados pelos expurgos e pelo desemprego, a classe média cada vez mais empobrecida, e os empresários que vêem suas empresas serem devoradas pelos altos juros e pela recessão não podem aceitar essa subserviência. E protestam cada grupo à sua maneira. Os empresários através de declarações à imprensa e manifestações de insubordinação, como a recente decisão da ABINEE de não obedecer às determinações do CIP. A classe média através de artigos nos jornais, participação em conferências, e a passeatas dos funcionários das empresas estatais. Os trabalhadores através das greves. Os partidos da oposição sempre foram o veículo desse protesto, mas até dentro do PDS ele este presente, como foi possível verificar na convenção do último domingo, onde uma chapa de oposição conseguiu 35% dos votos.

São protestos de uma sociedade ameaçada. São protestos contra o desgoverno, ou o que dá na mesma, o governo do FMI. São protestos contra uma situação econômica que tende a tornar-se insustentável e contra um Governo imobilizado, dividido, preocupado apenas em manter-se indefinida e irresponsavelmente no poder através da escolha, via Colégio Eleitoral, de um novo presidente. São os protestos de uma sociedade que não está disposta a abdicar da soberania nacional, nem a mergulhar na recessão permanente com os olhos fechados.(12/07)